



# IV SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS  
DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

## V SIDETEG

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REDE  
IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE  
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERANÇA



11 A 14 DE NOVEMBRO DE 2024

PROMOTORES:



PARCEIROS:



APOIO:



Nacional (CSN) em 1941. A cidade se prefigurava como um exímio exemplo de um conglomerado rural dos antigos cafezais. Contudo, com a decadência do Vale do Paraíba, em decorrência da Lei Áurea de 1888 e da desestruturação da agricultura, o povoado enfrentou séria decadência, que somente é revertida em 1941, quando em plena II Guerra Mundial, Volta Redonda é escolhida para a instalação da Usina Siderúrgica Nacional (CSN), dando início as bases da industrialização brasileira.

Isto posto, busca-se com este trabalho realizar uma reflexão sobre a produção do espaço urbano de Volta Redonda com implantação da CSN, partindo do princípio que a cidade, principalmente na fase de fundação, era considerada uma extensão do território fabril. Neste sentido, intenta-se descobrir quais são os tipos de relações estabelecidas entre esta sociedade urbana nascente e o ambiente fabril, a qual ela se insere, enfatizando a forma em que as relações acontecem. Para tanto, as análises estarão embasadas na perspectiva do cotidiano programado pelos relógios de pontos e pela alienação social e espacial no espetáculo produtivo do capitalismo irracional.

Para tanto, o texto será estar dividido em três partes: a primeira trará os conceitos de produção do espaço urbano, sociedade urbana, cotidiano e sociedade do espetáculo; a segunda apresentará a CSN como promotora deste espaço urbano, sua influência e interações com o cotidiano; e, a terceira parte analisará o comportamento da CSN, a partir da privatização, em relação à produção do espaço urbano. A análise terá como subsídio as proposições dos autores que estudam: A (Re) Produção do Espaço e o Cotidiano, e que enfatizam: produção e reprodução do espaço; alienação social e alienação espacial; e, cotidiano e cotidianidade. E também será embasada em autores que tratam do processo de formação da *company town*, quando se fizer necessário.

## A CIDADE, A INDUSTRIALIZAÇÃO E O URBANO: NA PERSPECTIVA DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO, DO CAPITAL DO COTIDIANO E DO ESPETÁCULO

Há uma sinergia entre os conceitos de cidade, industrialização e o urbano, pois o capitalismo utiliza-se da industrialização para a criação do espaço urbano, ou da “cidade urbanizada” para a realização do valor da mais valia, da exploração da força de trabalho, para o condicionamento de um cotidiano programado e orientado pela lógica produtiva dos grandes aparelhos industriais de controle da vida e do modo de agir e pensar da sociedade.

O surgimento das cidades, segundo Lefebvre (2008) é histórico, político, mercantil, militar e produtivo. Contudo, A cidade política ainda não é o ‘urbano’. Apenas seu pressentimento (LEFEBVRE, 2008, 39). Para ele, a cidade surge da história que reverbera o espaço, onde é observada a existência de práticas sociais, intelectuais, espirituais, de organizações políticas e econômicas, culturais e militares. Assim, a cidade perfaz uma zona crítica de cisão das relações de trabalho entre cidade e campo, manifestada nas oposições: trabalho material e trabalho intelectual, produção e comércio, agricultura e indústria. Oposições inicialmente complementares, virtualmente contraditórias, depois conflituosas (LEFEBVRE, 2008: 39). A cidade se torna uma centralidade e o campo uma circunvizinhança da cidade.

O urbano surge num processo de implosão-explosão da cidade atual, se materializando conceitualmente como um fenômeno em escala global, contribuindo para a direção da

# IV SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS  
DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

## V SIDETEG

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REDE  
IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE  
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA



11 A 14 DE NOVEMBRO DE 2024

PROMOTORES:



PARCEIROS:



APÓIO:



sociedade, como um horizonte e uma finalidade, reverberados no espaço. O urbano está vinculado às formas produtivas relacionada à cidade comercial e industrial. O urbano (abreviação de sociedade urbana) define-se, portanto, não como realidade acabada, situada, em relação à realidade atual, de maneira recuada no tempo, mas ao contrário, como horizonte, como virtualidade iluminadora (LEFEBVRE, 2008: 40).

Seguindo ainda pelo raciocínio de Lefebvre (2008), o fenômeno urbano remete aos fenômenos inerentes à produção. Tudo serve para legitimar, para entronizar uma ordem geral, que corresponde à lógica da mercadoria, a seu 'mundo' realizado à escala verdadeiramente mundial pelo capitalismo e pela burguesia (LEFEBVRE, 2008: 40). O Urbano não se restringe a uma simples morfologia, representa também um modo de vida que corresponde à sociedade urbana.

O capitalismo industrial vai dominando tudo e todos ao seu redor. A ele se submeti o Estado e a Lei e a mercadoria (razão principal da produção é o consumo), a organização espacial pelo planejamento e urbanismo e da vida cotidiana retirada de sua razão e essência. A cidade torna-se assim o meramente o espaço de realização da mais valia e concretização da lógica capitalista.

Várias lógicas se confrontam e por vezes se chocam: a da mercadoria (levada ao limite de tentar a organização da produção de acordo com o consumo); a do Estado e da lei; a da organização espacial (planejamento do território e urbanismo); a do objeto; a da vida cotidiana; a que se pretende extrair da linguagem, da informação e da comunicação etc. Cada lógica pretendendo ser, ao mesmo tempo, restritiva e completa, eliminando o que não lhe convém, declarando que vai e quer governar o resto do mundo, converte-se em tautologia vazia (LEFEBVRE, 2008 [1970]: 40).

A partir disso é possível anuir que a produção do espaço urbano se dá pela lógica hegemônica do capital, que desfigura a paisagem, condiciona a vida e as necessidades das pessoas, numa relação centro x periferia na perspectiva dialética do espaço. A produção do espaço está imbricada por relações cotidianas, corpóreas, das relações materiais e imateriais da sociedade.

A produção do espaço embora emane das relações capitalistas/industriais, não está somente vinculada a construções (loteamentos, condomínios, projetos governamentais e etc.) e a economia, ela remete à produção e reprodução das relações sociais que se materializam no espaço social. Ela nos submete à forma mercadoria, a uma sociedade do espetáculo, alienada, adestrada e fetichizada pelo capital. O fetiche da mercadoria é abstração [...]. Seu domínio foi o reino do abstrato, a quantificação crescente e lentamente universalizada (LEFEBVRE, La conscience mystifiée: 163).

Tanto na obra de Lefebvre quanto em Guy Debord existe uma crítica a este ambiente planejado e doutrinado pelo capital que se aplica em modelar o próprio espaço. Para Guy Debord (2003): O urbanismo é a tomada do meio ambiente natural e humano pelo capitalismo que ao desenvolver-se em sua lógica de dominação absoluta, refaz a totalidade do espaço como seu próprio cenário (DEBORD, 2003: 131).

Já em Lefebvre a crítica é tecida a respeito das distorções provocadas na primeira natureza por esta urbanização oriunda do modo de produção capitalista, pois segundo ele, a cidade sob a ideologia do capital, é tida por produto, com seu devido valor de uso e de troca a se materializar no mercado. Contrapondo o ideal de urbano, que seria de promoção da vida urbana, a centralidade dos poderes, local da reunião, do convívio e etc.



# IV SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS  
DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

## V SIDETEG

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REDE  
IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE  
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERANÇA



11 A 14 DE NOVEMBRO DE 2024

PROMOTORES:



PARCEROS:



APOIO:



nacional e o Estado até a operação da CSN.

Para Getúlio Vargas, a siderurgia era indispensável ao desenvolvimento e crescimento do país, tão necessária à expansão do setor ferroviário e à criação da indústria de base do país. Após várias negociações externas e internas e com ajuda do capital norte americano a Companhia Siderúrgica Nacional é criada em abril de 1941, como sociedade de economia mista.

Sendo, pois, uma companhia de capital público fez-se necessário discutir os aspectos locais e os aspectos relativos à produção. E depois de uma longa disputa entre, Minas Gerais e São Paulo, é escolhida uma localidade do Vale do Paraíba no Rio de Janeiro, contrariando todos os interesses regionais que apoiavam as jazidas mineiras e a forte industrialização do Vale do Paraíba paulista. A localização, portanto, obedeceu a critérios marcadamente geopolíticos.

A implantação da CSN em Volta Redonda é marcada por relações estabelecidas entre a empresa e a força de trabalho, envolvendo as condições de moradia. Podemos dizer que em cada fase de sua concretização ocorrem também mudanças em seu modo de operar estas relações (PIQUET, 1998: 62).

Num primeiro momento, o período de implantação, usina e cidade (estrutura urbana, vilas residenciais, escolas, hospitais e etc.) são erguidas simultaneamente, entre 1941 e 1946. Pois ainda em 1941 são iniciadas as obras de construção da usina, em 1942, as obras das vilas residenciais e áreas comerciais. Essa construção exige um grande contingente de mão de obra que vinha de todos os cantos do país, atraída por grandes salários e pelos benefícios sociais.

A CSN fornecia neste período, as condições ideais para a produção e a reprodução desta força de trabalho, embora trabalhasse, segundo Piquet (1998), com uma capacidade de imóveis para abrigar essa mão de obra bem abaixo de sua demanda e para sobrepôr essa carência fixava critérios para sessão das residências que promoviam a segregação social. Sendo cada bairro representava uma categoria operacional da empresa e obedecia a critérios de função para a construção e distribuição das residências.

O plano urbanístico de Volta Redonda reproduzia assim na estruturação urbana a hierarquização funcional da usina, promovendo espaços estratificados por categoria funcional e padrão salarial.

O segundo período apresenta a fase de materialização do controle e centralização desse patrimônio pela CSN, quando os encargos com equipamentos e serviços urbanos (construção das casas, esgoto, água, luz, manutenção de casas, limpeza urbana, telefone) são mantidos pela empresa. E apresenta também o surgimento da “cidade livre” que abriga os operários menos qualificados e a população atraída pelo empreendimento e que não era absorvida por ele. Entre 1947 a meados de 1960.

A então “cidade livre” se desenvolveu à margem esquerda do Rio Paraíba, sem os benefícios do empreendimento varguista, se diferenciando dos imóveis construídos pela CSN, que mesmo para funções inferiores, eram tidos como de alto padrão, com jardinagem frontal e sem cercas, influenciados pelo padrões norte-americanos de construção.

Em 1954, com a emancipação de Volta Redonda do município de Barra Mansa, libera a

# IV SLAEDR

SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS  
DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

## V SIDETEG

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA REDE  
IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS SOBRE  
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E GOVERNANÇA



11 A 14 DE NOVEMBRO DE 2024

PROMOTORES:



PARCEIROS:



APOIO:



companhia de parte dos gastos com infraestrutura e sua administração e manutenção passa para a municipalidade. A CSN, no entanto, ainda administra e controla as vilas residenciais. Engendrando a CSN numa nova fase do ciclo de acumulação industrial brasileiro (de 1955 a 1967)

Contudo, ao final da década de 1960, há uma inflexão na relação cidade x empresa. A CSN deixa de fornecer moradia a seus funcionários. E entrega todo seu patrimônio imobiliário (não operacional) a uma empresa imobiliária, sua subsidiária, a CECISA S/A. Esta nova empresa foi encarregada da venda das casas da vila operária aos funcionários locatários. Deste modo, novas formas de segregação no espaço são induzidas. Pois como as vendas das casas eram prioridades da CECISA S/A, a maioria dos empregados não possuía recursos para adquiri-las, e, seguindo os padrões do Sistema de Financiamento da Habitação (SFH) promove a construção de bairros habitacionais com baixos padrões para os funcionários menos remunerados e as vilas residenciais passam a ser ocupadas pela classe média.

No entanto, a partir de 1993, como resultado da estagnação produtiva da década anterior, a CSN deixa de ser uma empresa estatal e passa à pertencer ao setor privado, acentuando sua entrada no ideário neoliberal. Nesta óptica, sua relação com os imóveis ainda restantes de sua carteira imobiliária e que não estão diretamente emergidos na sua operação, adentram a vertente do capital, muitos deles que tinham cunho social são retomados e fechados, entregues ao abandono e à supervalorização do espaço urbano de Volta Redonda.

Assim, a produção do espaço em Volta Redonda é explícita pelo pleno domínio da CSN sobre a cidade e a total dependência da cidade das benesses da empresa. Embora esta situação se reconfigure ao longo do tempo, é marcante como ela ainda exerce influência no desenvolvimento urbano da cidade, seja pela existência de imóveis ainda sob a sua propriedade, seja pela dependência econômica que o município ainda apresenta em relação a empresa, o que nos ajuda a entender as práticas espaciais do vivido e do percebido no cotidiano desta região.

Desta forma, nos valeremos da análise da produção do espaço urbano de Volta Redonda no período pós-privatização, onde notadamente há total abandono da “velha estrutura” construtiva da usina e da cidade, na perspectiva da dimensão fundiária da privatização da CSN.

## CONCLUSÃO ou CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, que ora procuramos demonstrar com este estudo é uma crítica à forma como o capitalismo remodela a produção e reprodução do espaço urbano, alienando a vida cotidiana e subordinando a cidade à lógica da mercadoria. Neste sentido, a cidade, perde suas características de espaço de convivência e centralidade política e se transforma em espaço para exploração e controle da vida. O cotidiano é adestrado e modelado em função da produção e do consumo.

Há uma linha tênue na relação entre a industrialização, o desenvolvimento das cidades e o conceito de urbano produzidos pela lógica capitalista com sérias implicações na produção do espaço, na vida cotidiana e na alienação social. Partindo das ideias de Henri Lefebvre e outros teóricos como Guy Debord e David Harvey, é possível perceber que o capitalismo utiliza a industrialização para moldar o espaço urbano, não apenas como uma área física, mas também



